

SERESTAR

Ricardo Goldenberg¹

Para Osvaldo Arribas,
por óbvias razones.

INTRODUÇÃO DA INTRODUÇÃO

Avatares de uma apresentação

Quando soube que a APPOA dedicaria seu congresso anual de 2006 aos temas do Seminário XI achei providencial, já que estivera enfiado durante mais de um ano no problema da *liberdade*. Apresentaria pois um relatório do que vinha desenvolvendo com meus colegas de Percurso Psicanalítico de Brasília: a relação entre determinação e liberdade à luz do inconsciente freudiano. Meu interesse era trazer à tona uma confrontação presente no *Seminário XI* (Lacan, [1964] 1973), mas jamais assumida publicamente, entre Lacan e Sartre, a propósito das operações de causação do sujeito que vem responder e criticar o conceito sartreano da liberdade inerente ao ser-para-si².

Como é de meu feitio, nada tinha redigido até o dia do congresso, onde me dispunha a improvisar a partir das notas do meu curso. Aconteceu, porém, de eu ter esquecido que um dia antes sentaria numa mesa-redonda em Goiânia dedicada ao mesmo tema. E como está excluído que eu vá repetir duas vezes a mesma *performance*³, no dia da minha chegada ao congresso da APPOA encontrava-me de

¹ Psicanalista, SP; Membro da APPOA e do Percurso Psicanalítico de Brasília. Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Autor de vários artigos e livros, dentre os quais: *Ensaio sobre a moral de Freud* (Agalma, 1994), *No círculo cínico ou Caro Lacan, por que negar a psicanálise aos canalhas?* (Relume Dumará, 2002). E-mail: bergue@uol.com.br

² Sartre opina que ou se é livre ou não se é livre, ponto. Não se pode ser livre e estar determinado ao mesmo tempo. A sua famosa máxima sobre o homem estar condenado à liberdade indica com clareza a sua opção. Lacan não concorda, ele entende que o homem está determinado pela linguagem – ele denomina “alienação” tal determinismo – e sua liberdade consiste precisamente em livrar-se dos grilhões do significante que o assujeita – ele chama esta operação de “separação”.

³ Não me agüento: embora o público seja, em tese, sempre outro, *eu* seria o mesmo e... morreria de tédio. No filme que mais me impressionou na vida, *La Strada*, Fellini mostra Zampanó, o *clown* interpretado por Anthony Queen, fazendo dia após dia o mesmo número, contando as mesmas piadas, repetindo os mesmos “improvisos” mil vezes ensaiados, na mais espantosa rotina. Afigurava-se-me um condenado de

mãos vazias. Um pequeno incidente durante a discussão de uma das mesas, ocasionado por uma intervenção minha, veio em meu auxílio, mostrando-me como apresentar o que eu desejava dizer. Em outras palavras, em vez de teorizar a liberdade como separação do significante alienante, iria mostrar esta separação do Outro a partir do acontecimento da véspera. Foi o que fiz, com a ajuda do grafo de *Subversão do sujeito* (Lacan, [1960] 1998). Entretanto, como aquele *impromptu* era impublicável, “filho da ocasião”⁴ feito no calor da hora, encontrava-me desta vez não sem apresentação, mas sem texto para entregar à comissão de publicações.

INTRODUÇÃO

Nos corredores do Congresso

Diga-se: meu amigo Robson Pereira gosta dos argentinos. E tem mais, gosta dos argentinos do porto do *Rio de la Plata*. E como se ainda não fosse suficiente, gosta do roque *porteño*. Quase caí de costas, quando apresentou em Porto Alegre um livro meu citando um fragmento de *El anillo del capitán Beto*, de Luis Alberto Spinetta, cantor e compositor de uma das primeiras bandas de Buenos Aires de quando eu era moleque.

Eis que Robson fez amizade com um psicanalista da *Escuela Freudiana de la Argentina* de quem eu tinha (acreditava ter) alguma vaga lembrança. Osvaldo Arribas – é dele que se trata – fazia as suas primeiras armas na instituição cindida da escola fundada por Massotta, na mesma época em que eu deixara o país, ainda como membro desta última. O caso é que depois de muito ouvir falar sobre ele vim encontrá-lo finalmente no congresso de Porto Alegre, 25 anos depois, sob os auspícios do Robson. Ambos acreditávamos que o outro lhe era de algum modo familiar, mas sem poder precisar exatamente como.

algum círculo do inferno de Dante. Meu filho nunca conseguiu me fazer repetir uma estória exatamente igual duas vezes seguidas. Na adolescência acompanhei durante uma temporada os shows idênticos de Astor Piazzola num Café Concert em Buenos Aires, e me dei conta de que se quisesse continuar acreditando na magia do teatro e no *glamour* do *show biz*, devia voltar ao meu lugar na platéia: nunca me aconteceria o que a Mia Farrow, na *Rosa Púrpura do Cairo*, que de tanto assistir o mesmo filme consegue produzir uma mudança na lei do eterno retorno.

⁴ Como a interpretação, que também é de certo modo impublicável (apesar de que nunca deixa de ser publicada, o que dá a muitas histórias de caso esse ar de obscenidade que levou Eric Porge a atacar vigorosamente, numa conferência que fez para nós em Brasília, a prática institucional das vinhetas clínicas), o que nos deixa novamente às voltas com o eterno problema de como transmitir o que acontece nas análises.

À noite daquele mesmo dia, na hora da confraternização, surgiu o tema da proposta de regulamentação para exigir que onde houvesse um anúncio publicitário em língua estrangeira, fosse colocado ao lado outro igual em vernáculo. *Sale* estaria obrigada por lei a coabitar com “líquidação”. Comentei que antes de legislar haveria que perguntar-se pelas razões do alto valor cultural da língua do outro. Fascínio que prende até os psicanalistas, que deveriam ser os últimos a cair nessa esparrela. A título de ilustração, citei algumas pérolas da tradução do francês para o português nas que, sem se chegar ao ponto de transformar *l'état de siege* em “o estado das cadeiras”, perderam-se os recursos e a beleza da própria língua em prol de uma versão pretensamente “fiel” ao Senhor estrangeiro escolhido⁵.

A questão me parecia especialmente crítica ao nos defrontarmos com o Lacan tradutor de Freud, já que frente aos seis ou vinte modos diferentes de ele traduzir o *wo es war, soll ich werden* freudiano, por exemplo, tendemos a supor que está procurando a versão mais fiel ao mestre, ao passo que deveríamos perceber que está confiscando a expressão do outro para melhor afetar o francês que fala. É isso mesmo, ele faz (ou pretende fazer) algo à língua – assim como se diz do homem que “fez mal à moça”.

Acredito que Lacan queria estar para o francês como Joyce para o inglês. Acontece, porém, que o escritor era irlandês, e os britânicos, o inimigo. Havida conta dos papéis da Alemanha e da França na Segunda Guerra Mundial, talvez caiba conjecturar que Lacan usa o alemão de Freud para torturar o francês ao qual está acorrentado; para levá-lo até o limite, quem sabe até, para separar-se dele. O problema é que ao comer Freud, Lacan não apenas o assimila, ele mesmo se transforma. Quero dizer que traduzir Freud, criticar-lhe o conceito e elaborar o próprio são um só e único movimento.

Você me dirá que o francês está mais interessado na própria língua que na do outro; que o alemão deve servir-lhe e não o contrário. E eu só posso concordar com esta opinião. O problema é o que fazer, quando não somos franceses e nos defrontamos com um *là où c'était, je doit advenir?* Haroldo de Campos propunha *transcriar* em vez de traduzir, com o intuito de indicar o desafio lançado pelo livro

⁵ Tenho comigo que muitas das traduções ruins de bons textos franceses, que li ultimamente, devem-se menos à incompetência dos tradutores (colegas psicanalistas, em geral) que a uma relação profundamente ambivalente com o mestre estrangeiro. Enfeiar seu texto é, de certo modo, uma tentativa agressiva de separação.

ao tradutor como escritor. A obra desafia-o, com efeito, a ousar apropriar-se, por sua conta e risco, do texto do autor, menos para transferir-lhe o significado que para se deixar transpassar pelo espírito da sua letra.

Se a conversa tivesse terminado ali, o diabo do inconsciente não teria enfiado seu rabo no meio da estória e todos teríamos ido deitar concordando ou não com as tais proposições gerais. Acontece, porém, que eu tinha invocado sem perceber o espírito da letra, e ele acudiu ao meu chamado. Osvaldo tinha pego a sobremesa, entrementes, e estava ocupado em comê-la. Seu silêncio me animou a continuar. Nossos tradutores costumam abdicar da vantagem que temos em relação aos franceses, por possuímos dois verbos, *ser* e *estar*, ali onde eles tem apenas um, *être*, e optam por normalizar a versão. Traduzindo *sempre o là où c'était* como “lá onde isso *era*”, perdem-se todas as nuances teóricas e clínicas que Lacan, com tanta dificuldade – devido, precisamente, ao verbo único –, tenta fazer passar para os franceses, e que teria sido tão fácil aproveitar em nossas línguas. Ou seja, nos privamos de um recurso que não apenas deixaria a versão mais bonita, como mais preciso o conceito. Cortazar não estava sendo apenas gentil, acredito, quando escreveu que a versão de Haroldo de Campos (voltando a ele) de não lembro qual poema seu melhorava o original, isto é, dizia melhor em português o que ele queria dizer em espanhol. Ainda está para ser escrito um trabalho explorando estas possibilidades das nossas línguas...

Nesse momento, lembrei de um artigo que lera muitos anos atrás sobre a diferença entre ser e estar, se não me enganava, numa das publicações da Escola do meu interlocutor. Ele não lembrava de um texto tal nem conhecia um autor ocupado com tais questões. Observei que achara um desperdício de assunto importante, já que em vez de aproveitar para ver o que ensinam estas possibilidades verbais, o autor se mostrou mais preocupado em aparecer como um bom lacaniano, aplicando as fórmulas de Lacan ao problema, em vez de usar nossos verbos para criar um problema para estas fórmulas resolver ou não. Depois disso, mudamos de assunto.

Quinze dias mais tarde, recebi um e-mail de Arribas comentando que tinha ficado mordido pela minha menção de “um artigo bastante pobre a propósito da diferença entre ser e estar”, e que tinha ido conferir numa velha publicação da *Escuela*, constatando, não sem surpresa, que o autor do artigo em questão era ele mesmo! Em seu descargo o que tinha para me dizer era que se tratava do primeiro trabalho publicado de um jovem analista. Retroativamente embaraçado pela *gaffe*

cometida, respondi que o inconsciente era foda, e que esperava que este fosse o começo de uma bela amizade. Ambos esquecêramos para podermos conversar: eu, o nome do autor e a publicação; ele, o fato de ter escrito um artigo tal. No meu próprio desengano, devo fazer observar que, embora a minha opinião fosse crítica, que maior reconhecimento para um artigo que me ter feito trabalhar durante vinte anos⁶?

Não fosse pelo trabalho de leitura do Lacan, convenhamos, o estatuto do *Wo Es war, soll Ich werden* nunca teria chegado a ser o que é: a máxima do fim da análise. Existem vários ensaios sobre este assunto e não me parece necessário acrescentar mais um. O intuito é apenas participar do debate iniciado entre nós por Claudia Berliner e contribuir com algo ao eterno problema de como traduzimos o que nos chega de Lacan para nossas línguas.

Tudo começa com a frase de conclusão da 31^a das Novas conferências de introdução à psicanálise, em 1932: *Wo es war, soll Ich werden: Es ist Kulturarbeit wie die Trockenlegung der Zuydersee*. “É um trabalho de civilização, como a drenagem do Zuydersee” (Freud, [1932] 1989, p. 74). Ora, assim como a civilização ganha terra para cultivar ao mar, assim a psicanálise ganha do Isso caótico território para o Eu.

Além de escolher uma figura espacial (*Wo* quer dizer “onde”), Freud não disse nem *das Es* nem *das Ich*, “como fazia habitualmente para designar essas instâncias em que havia ordenado, já fazia dez anos, sua nova tópica”. Ou seja, está usando “eu” e “isso” como pronomes na frase, nuança que não escapa a Lacan, que tenta por sua vez fazer passar aos seus leitores, ainda que ao preço de um certo forçamento da barra da língua: “*Là où c’était, peut-on dire, là où s’était, voudrions-nous faire qu’on entendît, c’est mon devoir que je vienne à être*”. Quinet nos entrega esta sentença assim: “Ali onde isso era, como se pode dizer, ou ali onde se era,

⁶ “[A] existência de ‘estar’ ao lado de ‘ser’ na conjugação de orações atributivas, implica necessariamente uma articulação no saber da língua que não pode não ter conseqüências em todos os campos onde os valores de uso da língua, ou da chamada linguagem ordinária, tenham incidência. Fosse este campo o da lingüística, da filosofia ou da psicanálise” (Arribas, 1986, p. 111).

gostaríamos de fazer com que se ouvisse, é meu dever que eu venha a ser” (Lacan, [1955] 1998, p. 419). A opção por “ser” se justifica plenamente aqui porquanto Lacan estava ainda, em 1955, pesadamente sob a influência da concepção heideggeriana da linguagem como “morada do ser”. Ele mesmo não deixa lugar a dúvidas, já que antes tinha escrito:

“[...] é no lugar, *Wo*, onde *Es*, sujeito desprovido de qualquer *das* ou de qualquer outro artigo objetivante (é de um lugar de ser que se trata) era, *war*, é nesse lugar que *soll*, devo – e é um dever moral que se anuncia aí, como confirma a única frase que sucede a esta para encerrar o capítulo – *Ich*, ali devo [...] *werden*, tornar-me, isto é, não sobrevir, nem tampouco advir, mas vir à luz, desse lugar mesmo como lugar de ser” (Lacan, [1955] 1998, p. 418).

Não é contudo a situação dez anos depois quando, já liberado do jugo da filosofia alemã, Lacan elabora a lógica da fantasia e aborda o problema do ato do psicanalista. E aqui já não se justifica de nenhum modo conformar-se com traduzir *être* sistematicamente por “ser”. Minha reivindicação de estar pode parecer um preciosismo estilístico, mas a descrição do ato analítico mediante o semi-grupo de Klein feita em 1968, se torna diretamente incompreensível se nos privarmos do recurso a este verbo. A título de ilustração:

Estou ali naquele “penso”? [*Este-ce que dans ce “je pense”, j’y suis?*]. Para estar lá [*être là*] como inconsciente não é necessário que eu tenha pensado [conscientemente] como pensamento o que diz respeito ao meu inconsciente. Lá onde o penso é para deixar de estar em casa [*là où je le pense, c’est pour ne plus être chez moi*]. Não estou mais lá [*Je n’y suis plus*]. Não estou mais lá em termos de linguagem, do mesmo jeito que quando faço responder à pessoa que atende a campainha: “O Sr. não está”, é um *eu não estou* enquanto que é dito (Lacan, 1968. Inédito).

Ou seja, quando me apercebo dos pensamentos do meu sonho (*Unbewußte Gedanken*), sou obrigado a concluir que já estava neles sem me dar conta. Para que complicar, então, com considerações metafísicas o *là où c’était, je dois advenir*, se ele passa suavemente para o português e exprime a nossa experiência como “lá onde estava, devo advir”? Onde estava mesmo? Isso mesmo, onde é que eu estava com a cabeça? Como o pai que estava morto e não sabia, eu estava sem saber na outra cena, no *andere Schauplatz*, no teatro do meu Outro. No inconsciente, oras. Em suma, lá

onde estava sem saber devo passar a estar de pleno direito. E isso é todo o ser de que disponho (e não é pouco).

REFERÊNCIAS

ARRIBAS, Osvaldo. El ser suma, lo que resta es estar. *Cuadernos de psicoanálisis*. Ano xvi, #3. Buenos Aires: Ed. Oscar Masotta, 1986.

FREUD, S [1932]. 31ª conferência. Novas conferências de introdução à psicanálise. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. v. 22. p. 53-74.

LACAN, Jacques [1955]. A coisa freudiana ou sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 402-437.

_____ [1960]. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 807-842.

_____ [1964]. *O seminário* – Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____ [1968]. *O seminário* – *O ato psicanalítico*. Inédito.

Texto escrito para os anais do congresso da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (PS Infelizmente, este texto não foi o começo de uma bela amizade.)